

Iconicidade e corporificação em sinais de Libras: uma abordagem cognitiva

Valeria Fernandes Nunes (UERJ)

Resumo: Investigamos a iconicidade e a corporificação em sinais da Língua Brasileira de Sinais por meio da pesquisa de campo realizada através da filmagem de narrações em Libras da história em quadrinhos “Não chora que eu dou um jeito”, do Almanaque Historinhas Sem Palavras da Turma da Mônica (2009). Primeiramente, tendo como base as pesquisas de Lucinda Brito (1995), definimos os sinais em Libras e diferenciamos o uso dos sinais e do alfabeto manual. Posteriormente, à luz da Linguística Cognitiva, descrevemos as características da linguagem corporificada presente nessa língua, consoante às contribuições de Lakoff & Johnson (1980 apud Evans & Green, 2006); e, por último, abordamos a questão da iconicidade em língua de sinais, segundo as proposições de Ronice Quadros (2004), Phyllis Wilcox (2000) e Lynn Friedman (Friedman apud Wilcox, 2000).

1. Introdução

Iconicidade é um fenômeno linguístico investigado por pesquisadores de línguas. Ela é, muitas vezes, negada e compreendida como uma relação icônica entre uma palavra e um objeto. A Linguística Cognitiva nos apresenta a teoria da Iconicidade Cognitiva, que acrescenta a essas definições outros conceitos válidos. Objetivamos descrever essas teorias e, posteriormente, verificar sua praticidade em uma língua.

Uma língua oral ou uma língua de sinais poderia ter sido escolhida para este estudo, pois ambas apresentam essas questões linguísticas. Selecionamos uma língua de sinais porque apresenta, em sua estrutura linguística, uma grande diversidade de expressões que exemplificam a iconicidade cognitiva. A língua visual selecionada foi a Língua Brasileira de Sinais – Libras/LSB, por ser a proveniente da comunidade de pessoas surdas do Brasil, país em que desenvolvemos nossa pesquisa.

Em 2002, foi sancionada a Lei nº 10.436, que reconhece a Língua de Sinais Brasileira – Libras/LSB como um meio legal de comunicação e expressão, oriundo de comunidades de pessoas surdas do Brasil, com sistema linguístico de natureza visual-motora e com estrutura gramatical própria.

Em 2005, o Decreto nº 5.626 foi publicado informando sobre formação de tradutor, intérprete e professor de Libras e sobre a inclusão da Libras como disciplina curricular nos cursos de licenciatura e fonoaudiologia.

Com a publicação dessas diretrizes legais, as pesquisas sobre as línguas de sinais cresceram no Brasil. Consequentemente, muitos materiais didáticos foram produzidos a fim de se ensinar a Libras. Todavia as publicações didáticas não caminham na mesma proporção que as pesquisas linguísticas, devido à presença de poucos linguistas especializados em línguas de sinais.

Esse quadro nacional nos motiva a investigar características linguísticas dos sinais da Língua Brasileira de Sinais. Primeiramente, tendo como base as pesquisas de Lucinda Brito (1995), definimos os sinais em Libras e diferenciamos o uso dos sinais e do alfabeto manual. Posteriormente, à luz da Linguística Cognitiva, descrevemos as características da linguagem corporificada presente nessa língua, consoante às contribuições de Lakoff & Johnson, na obra *Metaphors We live by* (1980 apud Evans & Green, 2006); em seguida, abordamos a questão

da iconicidade em língua de sinais, segundo as proposições de Ronice Quadros (2004), Phyllis Wilcox (2000) e Lynn Friedman (Friedman apud Wilcox, 2000).

Para realizar este trabalho, fizemos uma pesquisa de campo. Os sinais (chorar, pensar, fome, casa, bola e árvore) analisados aqui foram selecionados a partir da filmagem de narrações em Libras, produzidas por quatro surdas, da história em quadrinhos “Não chora que eu dou um jeito”, do Almanaque Historinhas Sem Palavras da Turma da Mônica (2009). Para compreender esses fenômenos linguísticos, optamos por, primeiramente, apresentar as teorias linguísticas sobre a iconicidade e *embodiment*; posteriormente, as exemplificamos com palavras ou expressões da Língua Portuguesa e da Libras.

2. O léxico da Língua Brasileira de Sinais

As línguas de sinais, assim como as línguas orais, possuem uma estrutura que permite a expressão de qualquer conceito, seja concreto ou abstrato. O que distingue essas línguas são seus canais de comunicação. Enquanto que a língua oral utiliza o meio auditivo, a língua de sinais usa o canal visual-espacial.

Assim como as palavras de línguas orais são feitas de sons, os sinais em línguas espaciais são constituídos por movimentos da(s) mão(s). Ao contrário dos sons, os movimentos da(s) mão(s) são objetos visíveis no mundo e sobre ele.

Segundo a pesquisadora Lucinda Brito (Brito, 1995), o léxico/vocabulário da Libras é constituído por palavras ou itens lexicais representados por sinais. Muitos pensam que as palavras de uma língua de sinais são constituídas por meio do alfabeto manual, isto é, a soletração de letra por letra para formar uma palavra, conforme o alfabeto ilustrado na figura 1:

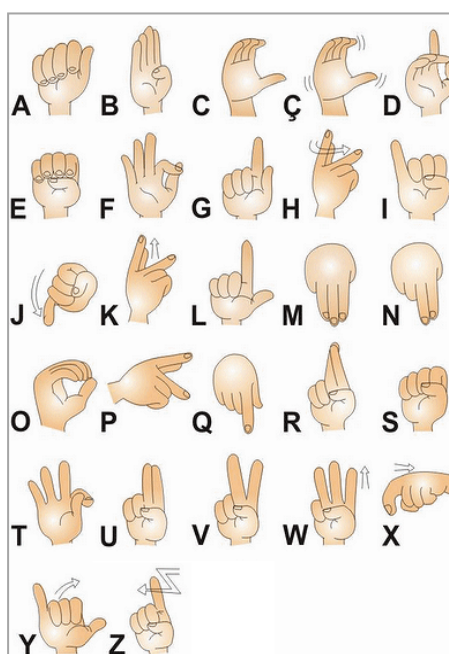


Figura 1

No entanto, o uso da soletração manual das letras de uma palavra em Português é apenas uma transposição para o espaço, através das mãos, dos grafemas da palavra da língua

oral. Entendemos isso como um empréstimo linguístico, pois a Libras utiliza o alfabeto da Língua Portuguesa para transcrever um vocábulo.

A soletração manual é utilizada para nomes próprios, para palavras cujo conceito não tem um sinal em Libras e para palavras que possuem um sinal, mas não são do conhecimento do falante. Assim, observamos que, em poucos casos, a soletração é utilizada; logo há um uso maior de sinais. Alguns desses sinais apresentam traços significativos de uma linguagem corporificada/*embodiment*.

3. *Embodiment*

Embodiment é compreendido como a relação que a linguagem possui com o nosso corpo no mundo real. Assim, sentidos, habilidades motoras e perceptuais estão ligadas a nossa linguagem e a forma como compomos diversos conceitos em nossa mente.

A respeito disso, Lakoff & Johnson (apud Ferreira, 2010), no livro *Metaphors We live by* (1980), descrevem que a mente seria “corporificada”, estruturada através de nossas experiências corporais, e não uma entidade puramente metafísica e independente do corpo. Da mesma forma, a razão é também “corporificada”, pois se origina tanto da natureza de nosso cérebro como das peculiaridades de nossos corpos e das experiências no mundo em que vivemos.

Lakoff & Johnson (apud Evans & Green, 2006, p. 178) também pesquisaram sobre a origem da complexidade associada a nossa representação conceptual e informam que essa complexidade possui uma relação entre tipos de conceitos que o ser humano é capaz de produzir e a natureza física de seu corpo.

Então, sabendo que os humanos caminham de forma ereta e possuem a cabeça no topo do corpo e os pés no final e que a pressão da gravidade exerce pressão sobre os corpos, há frases na Língua Portuguesa que associam o *bom* (alegria, felicidade) para cima e o *ruim* (cansaço, tristeza) para baixo, como observamos nos exemplos em Português abaixo:

- (1) Ela sorri muito. Por isso gosto dela. Ela está sempre *pra* cima.
- (2) O que aconteceu? Está triste? Você está tão para baixo.

Outros exemplos que confirmam a presença de uma linguagem corporificada são as catacreses, fenômeno linguístico que utiliza as partes do corpo para formar conceitos. São exemplos desse fenômeno: cabeça do prego, cabeça do martelo, pé da cadeira, pé da geladeira e pernas da mesa.

Nas línguas de sinais, muitos sinais são produzidos com uma forte influência da linguagem corporificada. As mãos humanas, em línguas visuais, são usadas com propósitos linguísticos, como apontar e representar objetos. É econômico, para as línguas de sinais, fazer o uso eficiente das mãos na criação de signos. O corpo do locutor está sempre presente na situação de fala da língua gestual. É econômico também aproveitar essa presença para expressar significados que estão relacionados com as partes do corpo. Na Libras, notamos sinais que retratam como nossas experiências corporais estão ligadas à língua, como, por exemplo, o sinal *chorar* na figura 2, feito pela surda Matilde.



Figura 2

O sinal é realizado próximo aos olhos, órgão de nosso corpo responsável pela lágrima, uma característica marcante do ato de chorar. Outro sinal, apresentado também por Matilde, (figura 3) foi o sinal *pensar*, realizado na testa/cabeça, onde está o cérebro humano, órgão responsável pelo raciocínio, pela mente.



Figura 3

Como um último exemplo, destacamos o sinal *fome*, feito apontando para a barriga, onde se localizam os órgãos responsáveis pela alimentação. A surda Catia apresentou o sinal na figura 4.



Figura 4

Além da linguagem corporificada em sinais da Língua Brasileira de Sinais, há outro fenômeno linguístico presente nessa língua: a iconicidade.

4. Iconicidade

A iconicidade em Línguas de sinais tem sido debatida por diversos pesquisadores, pois ela é uma propriedade criadora de empecilhos para que as línguas de sinais continuem sendo reconhecidas como uma língua natural, visto que a arbitrariedade tem sido a característica marcante de línguas naturais. Conforme enfatiza Wilcox sobre a Língua Americana de Sinais (*American Sign Language – ASL*),

O impulso na década de 1970 foi para o reconhecimento da ASL como língua aos olhos da comunidade audição. A fim de alcançar legitimidade, ASL tinha que encontrar o mesmo critério para a arbitrariedade que línguas faladas exibiam – a relação entre um elemento significativo na linguagem e sua denotação deve ser independente de qualquer semelhança física entre os dois.¹ (Wilcox, 2000, p. 36)

Ainda sobre a arbitrariedade em línguas de sinais, a linguista Ronice Quadros, em seu livro *Língua de Sinais: estudos linguísticos* (2004), relata que estas línguas são arbitrarias, pois “as palavras e os sinais apresentam uma conexão arbitrária entre forma e significado, visto que, dada a forma, é impossível prever o significado, e dado o significado é impossível prever a forma.” (Quadros, 2004, p. 26).

Entretanto, há linguistas que explicam o porquê da iconicidade estar presente nas línguas de sinais, como Friedman (Friedman apud Wilcox, 2000, p.38), que afirma que a iconicidade e mecanismos fonológicos e gramaticais icônicos na Língua de Sinais Americana

¹ The push in the late 1970’s was for recognition of ASL as a language in the eyes of the hearing community. In order to achieve legitimacy, ASL had to meet the same criterion for arbitrariness that spoken languages exhibit—the relationship between a meaningful element in language and its denotation must be independent of any physical resemblance between the two.

e outras línguas de sinais são altamente convencionalizados. A Iconicidade, pelo menos em língua de sinais, não indica, de forma alguma, falta de convencionalismo. A modalidade visual / gestual aproveita os estímulos visuais que a linguagem no modo visual proporciona, diferentemente das línguas orais.

Assim, um idioma executado em uma codificação espacial-visual pode tirar proveito de oportunidades icônicas disponíveis que estão indisponíveis nas línguas faladas. Isto é, as línguas de sinais são articuladas espacialmente e são percebidas visualmente; usam o espaço e as dimensões para constituir seus mecanismos “fonológicos”, morfológicos, sintáticos e semânticos e para veicular significados, os quais são percebidos pelos seus usuários através das mesmas dimensões espaciais. Daí o fato de muitas vezes apresentarem formas icônicas, ou seja, formas linguísticas que tentam copiar o referente real em suas características visuais. Segundo Brito (1998), a iconicidade é mais evidente nas estruturas das línguas de sinais do que nas das orais, devido a esses fatos e ao fato de que o espaço parece ser mais concreto e palpável.

Wilcox (2004) apresenta uma visão cognitiva para definir a iconicidade, especificamente para as Línguas de Sinais. A iconicidade cognitiva é fundamentada no modelo teórico da gramática cognitiva de Langacker (*Foundations of Cognitive Grammar*, 1987). Para a gramática cognitiva, tanto a estrutura semântica quanto a fonológica estão dentro do espaço conceitual de um usuário da linguagem. Esse espaço é multidimensional, une todos os pensamentos e conhecimentos.

É comum, nas línguas, que os polos semântico e fonológico de uma estrutura simbólica estejam em regiões distantes do espaço conceitual. A palavra falada para o som de *casa*, por exemplo, tem pouco em comum com o significado da palavra. Essa grande distância no espaço conceitual, resultante da distância entre os polos semântico e fonológico, é a base da *arbitrariedade do signo*. Entretanto, quando os polos fonológico e semântico de sinais residem na mesma região do espaço conceitual, a arbitrariedade é reduzida, por isso Wilcox define:

Iconicidade cognitiva é definida não como uma relação entre a forma de um sinal e o que ele se refere no mundo real, mas como uma relação entre dois espaços conceituais. Iconicidade cognitiva é uma relação de distância entre os polos fonológicos e semânticos de estruturas simbólicas.² (Wilcox, 2004, p. 4)

Um dos motivos contribuintes da representação icônica nas Línguas de Sinais é que a parte fonológica dos sinais envolve as mãos, o movimento no espaço e a interação com outros objetos. Dessa forma, as concepções de objetos e eventos podem ser iconicamente representadas.

A Gramática Cognitiva afirma que o léxico e a gramática são totalmente descritíveis como conjunto de estruturas simbólicas, ou seja, polo semântico e polo fonológico. Do ponto de vista da gramática cognitiva, a gramática não é distinta da semântica. Segundo Langacker (2008), uma estrutura simbólica (Σ) pode ser bipolar, pois ela possui um polo semântico (S) e um polo fonológico (P). Logo, a estrutura simbólica BOLA, pode ser representada da seguinte forma: [[BOLA]/[bola]].

² Cognitive iconicity is defined not as a relation between the form of a sign and what it refers to in the real world, but as a relation between two conceptual spaces. Cognitive iconicity is a distance relation between the phonological and semantic poles of symbolic structures.

É comum nas línguas que os polos semântico e fonológico de uma estrutura simbólica estejam em regiões distantes do espaço conceitual. A palavra falada para o som de *bola*, por exemplo, tem pouco em comum com o significado de *bola*. Essa grande distância no espaço conceitual, resultante da distância entre os polos semântico e fonológico, é a base da *arbitrariedade do signo*. Entretanto, quando os polos fonológico e semântico de sinais residem na mesma região do espaço conceitual, a arbitrariedade é reduzida.

Um dos motivos contribuintes da representação icônica nas Línguas de Sinais é que a parte fonológica dos sinais envolve as mãos, o movimento no espaço e a interação com outros objetos. Dessa forma as concepções de objetos e eventos podem ser iconicamente representadas.

Tendo como base as informações acerca da iconicidade em língua de sinais apresentadas, consideramos, neste artigo, que há sinais arbitrários e há sinais icônicos. Seleccionamos alguns sinais icônicos para exemplificar essas considerações, tais como os sinais *casa*, *bola* e *árvore*, que fornecem, de forma explícita, dados característicos de um objeto.

O sinal *casa*, apresentado pela surda Sueli na figura 5, é feito através da união das mãos, formando, de maneira icônica, o telhado de uma casa.



Figura 5

O sinal *bola*, dado pela surda Isabela Costa na figura 6, demonstra, através da junção das mãos, o formato de uma bola.



Figura 6

E o sinal de *árvore*, feito pela surda Catia na figura 7, apresenta o braço como o tronco da árvore e os dedos como os galhos, enquanto que a outra mão serve como uma base.



Figura 7

5. Considerações Finais

Desde a apresentação do vocábulo em Libras até a descrição das características linguísticas, como a linguagem corporificada e a iconicidade, procuramos, de forma simples e objetiva, apresentar as contribuições que podem ser fornecidas por meio de uma análise sobre língua de sinais, à luz da Linguística Cognitiva.

Verificamos que há restrições para o uso do alfabeto manual e que há uma preferência pelo uso dos sinais à soletração manual. Os sinais possuem, em muitos casos, uma relação

com a linguagem corporificada. Essa linguagem é vista por meio de sinais que são realizados próximos a partes do corpo com funções específicas, como foi citado nos exemplos do verbo *chorar*, feito próximo aos olhos; do verbo *pensar*, produzido na testa/cabeça e do substantivo *fome*, executado na região da barriga.

Constatamos também diferentes posicionamentos de linguistas a respeito da iconicidade em língua de sinais e optamos por concordar que há sinais arbitrários e sinais icônicos. Destacamos como sinais icônicos: *casa*, sinal que evoca a imagem de um telhado de uma casa; *bola*, sinal com o formato oval; e *árvore*, sinal com a representação do tronco e dos galhos de uma árvore.

E, por último, notamos que há uma relação entre a iconicidade e a corporificação nos sinais em Libras, pois alguns sinais realizados no corpo estabelecem relações icônicas com a realidade que eles representam. A localização dos sinais no corpo pode, iconicamente, representar uma característica de uma das partes do corpo, devido a suas funções, como os sinais *chorar*, *pensar* e *fome*.

Assim, podemos concluir que esta pesquisa possibilitou um estudo reflexivo sobre fatos linguísticos na Língua Brasileira de Sinais, contribuindo para pesquisas a respeito de língua de sinais.

Referências

BRASIL. Constituição (2002). *Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências*. Lei nº 10.436, 24 de abril de 2002, Brasília, DF.

BRASIL. Constituição (2005). *Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000*. Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, Brasília, DF.

BRITO, Lucinda Ferreira. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Lingüística e Filologia, 1995.

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. *Cognitive linguistics: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

FERREIRA, Rosângela Gomes. *A hipótese de corporificação da língua: o caso de cabeça*. Dissertação (Pós-Graduação em Letras - Letras Vernáculas) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

LANGACKER, Ronald W. *Cognitive grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

WILCOX, Phyllis Perrin. *Metaphor in American Sign Language*. Washington D.C.: Gallaudet, University Press, 2000.

WILCOX, SHERMAN. *Cognitive iconicity: conceptual spaces, meaning, and gesture in signed languages*. Germany: Walter de Gruyter, 2004.